



Isabel II, a Rainha do povo
OS 70 ANOS DO REINADO
EM FOTOS SURPREENDENTES

MP arrestou ainda 13 imóveis e contas bancárias
JUIZ CARLOS ALEXANDRE APREENDEU
PENSÃO DE 15 MIL EUROS A MANUEL PINHO

SÁBADO

www.sabado.pt N.º 927 - SEMANAL - 3 A 9 DE FEVEREIRO DE 2022



O EXÉRCITO DE **VENTURA** CHEGA AO PARLAMENTO

Os novos deputados da extrema-direita foram escolhidos segundo um critério: a lealdade absoluta ao líder. Saiba quem são e o que vão fazer na Assembleia. Graças à sua eleição o Chega vai receber 5 milhões do Estado

NEGÓCIOS COVID QUATRO LABORATÓRIOS
GANHARAM 20 MILHÕES EM CONTRATOS PÚBLICOS

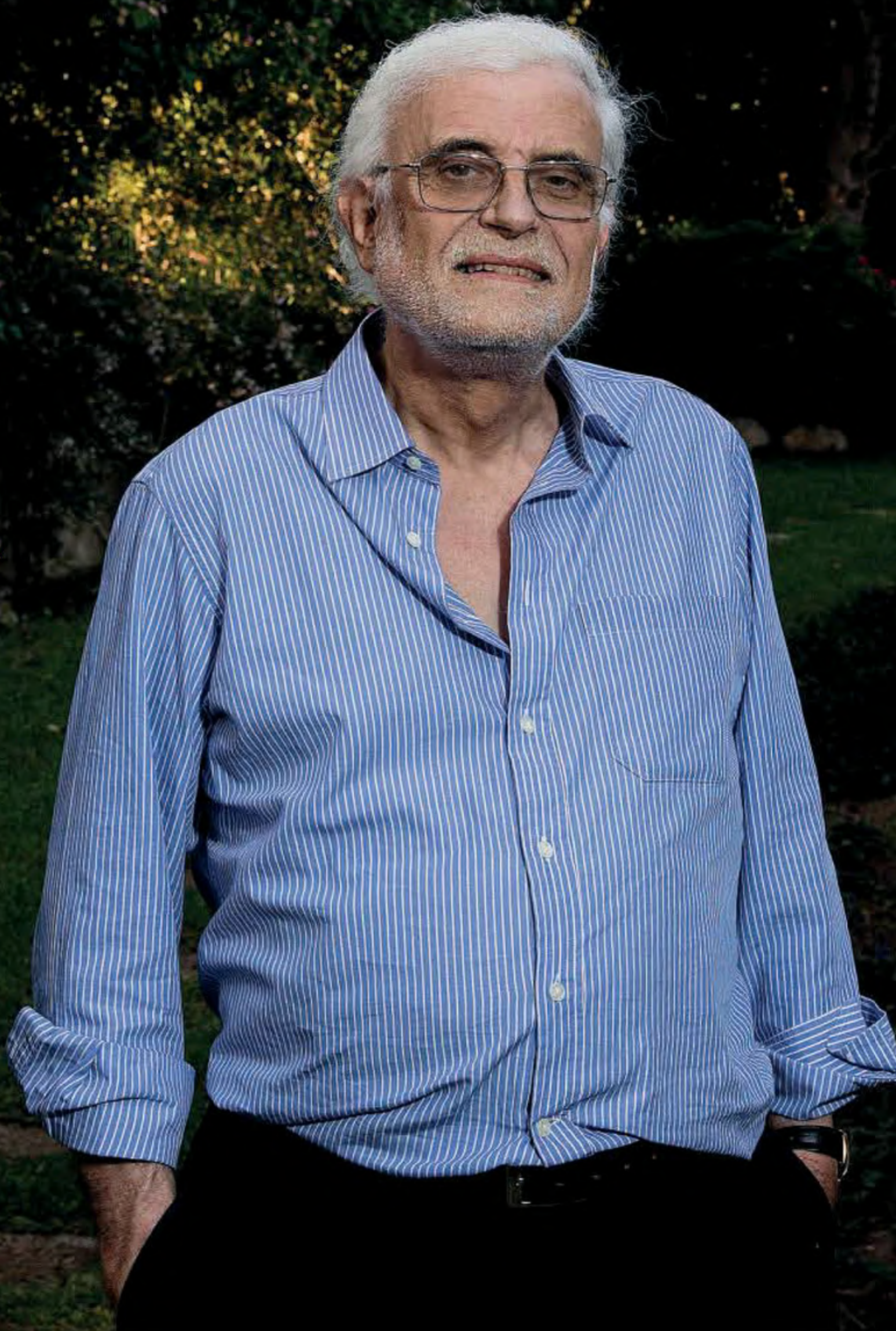
REI DO KIWI QUEM É O PORTUGUÊS QUE
MAIS PRODUZ NA PENÍNSULA IBÉRICA

52**O QUE ESTÁ EM JOGO NA UCRÂNIA?**

Nuno Rogeiro analisa a situação geopolítica tensa entre russos e ucranianos - e o que pode acontecer a seguir

46**GERMANO DE SOUSA (FOTO) E JOAQUIM CHAVES AINDA SÃO EMPRESAS FAMILIARES. AS HISTÓRIAS DOS MAIORES LABORATÓRIOS, QUE TÊM CONTRATOS DE MILHÕES****62****ISABEL II: OS 70 ANOS DE REINADO**

A Rainha de Inglaterra comemora o Jubileu de Platina. Os momentos marcantes de cada década da vida da monarca



NEGÓCIO. ESTADO GASTOU 318 MILHÕES DE EUROS EM TESTES

OS BARÕES DOS L

Como estão em todo o País e podem investir em tecnologia, quatro concentram os maiores contra

Era o início de 2020, ainda antes de o primeiro caso de infeção pelo SARS-CoV-2 se detetar em Portugal. Mas a experiência de mais de quatro décadas alertou Germano de Sousa para o que aí vinha. “Tinha de me preparar para fazer o que já se tinha feito em 2009 com a influenza”, conta o médico patologista, que dá nome a um dos mais importantes grupos de clínicas laboratoriais do País. “Tenho um excelente laboratório de Patologia e Biologia Molecular e de Genética. Está muito completo. Mas percebi que todo o material que tenho instalado não deveria ser suficiente. Ninguém está preparado para uma pandemia.”

Era necessário ter mais meios para realizar os testes PCR, uma técnica da Biologia Molecular. E “em toda a Europa e em Portugal não havia praticamente nada”. A produção de materiais, como reagentes ou sondas, estava concentrada na Coreia do Sul e na China. O que conseguiu comprar foi “pescado a peso d’ouro”, recorda: por um reagente pagava cerca de 90 euros. E houve até uma encomenda de testes de PCR, que adquirira fora da Europa, e que desapareceram em Amesterdão. “Isto angustiou-nos imenso.” Depois, teve de alocar pessoal técnico. Aventura atrás de aventura, mas quando a Direção-Geral da Saúde e o Instituto Ricardo Jorge deram indicações para que se comesçassem a realizar estes testes para deteção do vírus em Portugal, estava pronto.

A preparação e também a implan-



Germano de Sousa, antigo bastonário dos médicos, recusou-se em 2003 a vender o laboratório a estrangeiros. Cresceu desde então

LABORATÓRIOS

tos públicos. Germano de Sousa e Joaquim Chaves são ainda empresas familiares. Por **Sara Capelo**



◀ José Chaves, 50 anos, diz nunca ter pensado no seu tempo de vida enfrentar uma pandemia. O investimento feito pela Joaquim Chaves foi uma vantagem

277,8 milhões

gastou a administração central com testes em 2021, diz a Direção-Geral do Orçamento. Ao nível regional foram 33,8 milhões. E 6,6 milhões pelas autarquias

NO INÍCIO DA PANDEMIA, UMA ENCOMENDA DA GERMANO DE SOUSA DESAPARECEU EM AMSTERDÃO

tação em território nacional explicam porque o Centro de Medicina Laboratorial Germano de Sousa está entre os quatro maiores laboratórios identificados pela **SÁBADO** numa análise aos contratos para testagem (representam quase a totalidade) e vacinação (raros) no portal Base. Ocupa, aliás, o primeiro lugar com 38 contratos assinados num valor total que ultrapassa os 6,57 milhões de euros. Em segundo lugar está a Unilabs, com 20 contratos e 5,33 milhões de euros (falta somar os contratos ainda por publicar pela câmara de Lisboa, ver caixa). Seguem-se a Joaquim Chaves Saúde (12 contratos e 4,79 milhões de euros ganhos) e o Synlab (8 contratos num total de 3,29 milhões de euros). No total, perfazem 20 milhões. Segundo dados avançados à **SÁBADO** pelo Ministério das Finanças, o Estado gastou 318 milhões de euros em testes.

“Ao que parece serei o primeiro *player*”, assume Germano de Sousa sentado na confortável poltrona castanha tipo Chesterfield. Refere-se à capacidade que tem para realizar 15 mil testes nos seus dois grandes laboratórios, em Lisboa e no Porto, e nos outros mais pequenos (são 22 no total; com mais de 550 postos de colheita) que tem no resto do País. Por estar presente nos Açores (onde tem uma ligação afetiva, já que nasceu no Nordeste, ilha de São Miguel, em 1943) foi convidado pelo Governo Regional a realizar os testes PCR no arquipélago. O contrato tem um valor total de 977.400 euros e cada teste custará 54,30 euros – ◀

o que dará para 18 mil testes.

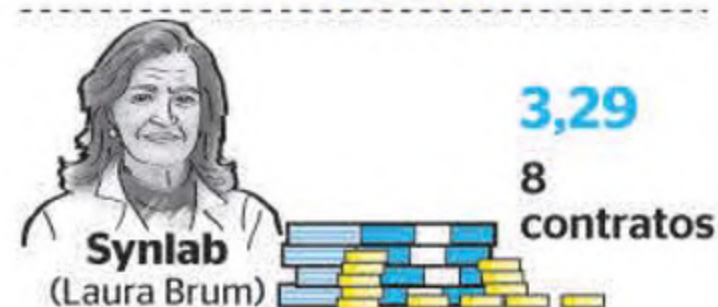
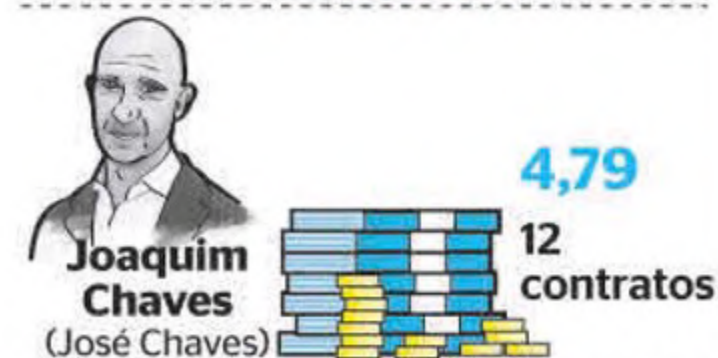
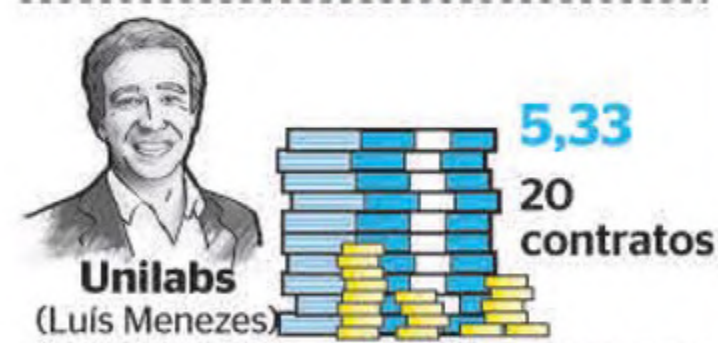
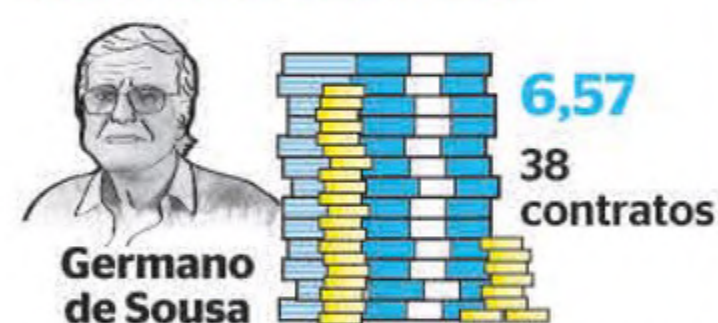
“Também ali trabalhamos 24 sobre 24 horas. Tivemos que montar um laboratório de Biologia Molecular”, refere à **SÁBADO** no interior do seu gabinete, com painéis de madeira, estantes recheadas com livros, um tapete oriental sobre o chão. É um contraste com os corredores brancos do edifício-sede do grupo Germano de Sousa, no bairro lisboeta de Telheiras. O médico patologista negociou bastante tempo a compra com o Centro Português de Design, anteriores ocupantes do edifício. “Ainda estou a pagar o empréstimo.” Ao fundo, vão-se ouvindo os sons das chamadas dos clientes que esperam na rua para testagem à Covid-19. Ali também se realizam testes 24 horas por dia em equipas de 10 a 12 pessoas.

Todavia, em volume e valor, os

Quanto ganharam com a Covid?

Quatro laboratórios têm 20 milhões de euros em contratos relacionados com a pandemia

Valores em milhões de euros



Fonte Portal Base/SÁBADO, dados até 1/2/22



“PRATICAMENTE TODO O DINHEIRO [GANHO] É INVESTIDO AQUI” NOS LABORATÓRIOS, DIZ GERMANO

maiores contratos foram assinados com a Direção-Geral de Estabelecimentos Escolares para a realização de outro tipo de testes, os de antígeno, ao pessoal das escolas. O Ministério da Educação revela à **SÁBADO** que executou já 25 milhões de euros destes contratos. Segundo dados fornecidos à **SÁBADO** a 31 de janeiro, tinham sido feitos 1 milhão e 420 mil testes. Segundo o gabinete de Tiago Brandão Rodrigues, a alocação de serviços baseou-se em fatores como “a capacidade de testagem que cada laboratório indicou ter e a implantação territorial”. É por isso natural que Joaquim Chaves Saúde (2,94 milhões de euros), Germano de Sousa (2,89 milhões), Synlab (2,957 milhões) e Unilabs (2,96 milhões), que têm clínicas e postos de recolha em todo o País, tenham os contratos maiores. Ainda que surjam laboratórios pequenos com contratos menores, de 4.880 euros para testar em Coimbra ou 10.800 euros para realização de

Ajustes

Não podem exceder os €50 mil. Mas por “urgência imperiosa” devido à pandemia, o Governo regulamentou para que o limite fosse ultrapassado

▼ Joaquim Chaves com a mulher Natália (era médica, já faleceu) e os filhos. Só José, CEO, seguiu a área de Saúde

testes em Faro, por exemplo.

Os valores por teste foram fixados pelo Governo e são semelhantes para todos os laboratórios – que foram contactados através das associações do setor. Nos lares e IPSS, foi negociado o mesmo valor de 20 euros. O Ministério da Segurança Social não esclareceu a **SÁBADO** quanto gastou até ao momento em testes. Apenas disse que foram realizados cerca de 500 mil testes a funcionários de lares, entre maio de 2020 e dezembro do ano passado. E 35 mil testes em três fases durante o ano de 2021 nas creches.

As incertezas no início

“Os maiores laboratórios, que tinham equipamentos de PCR, foram os primeiros a ir para a linha da frente”, descreve Luís Menezes, diretor-geral do grupo Unilabs, criado na Suíça em 1986 e que chegou a Portugal em 2006 (está em 15 países, maioritariamente na Europa mas também na América Latina). “A resposta à emergência em saúde pública, que é o que vivemos, nunca consegue ficar apenas pelo Estado”, reconhece Laura Brum, diretora clínica do Synlab, empresa com origem na Alemanha e que até entrou na bolsa de Frankfurt durante a pandemia. A médica patologista conta que há dois anos “todos no setor tínhamos





VICTOR MACHADO/BLUEPEACH

▲ Em 2003, Germano de Sousa desafiou os filhos Maria José e José, ambos também patologistas clínicos, para se juntarem ao negócio

laboratórios de Biologia Molecular pequeninos, adaptados a uma realidade pequena”. O dia a dia não eram os testes PCR. “Nas primeiras reuniões no Ministério da Saúde, quando perguntavam quantos testes por dia conseguíamos fazer”, respondia, “sei lá, sei lá”. Teriam um quarto da capacidade de hoje, estima. Foi então preciso investir em pessoal (“o que foi difícil porque não havia suficientes pessoas formadas”, diz Laura Brum) e em aparelhos. Todos os laboratórios sentiram necessidade de contratar para as análises, mas também para as colheitas. A Unilabs, por exemplo, tem entre 400 e 500 pessoas só dedicadas à operação Covid (que inclui a testagem em lares e nas escolas). E todos fizeram investimentos avultados.

Germano de Sousa, que vive há um quarto de século numa casa discreta de piso e meio da Quinta da Marinha com um jardim de laranjeiras e pinheiros cuidado pela mulher, costuma dizer “por brincadeira” que os seus Ferraris estão nos seus labo-

ratórios. “Tenho um bom ordenado, os meus filhos também. Dou sempre um, dois, três ordenados de prémio aos nossos colaboradores. Praticamente todo o dinheiro [ganho] é investido aqui.” Gastou “entre 30 e 40 mil euros” em quase 20 amplificadores para os PCR. E adquiriu agora um andar num edifício ao lado da sede, em Telheiras, para organizar a parte administrativa e criar também mais postos para os testes antigénio, que estão a ser feitos em salas de reunião adaptadas por falta de espaço nos laboratórios.

“Nós laboratórios não saímos iguais ao que entrámos na pandemia”, resume Laura Brum. Estes quatro grupos laboratoriais tinham anteriormente à pandemia relações (por concurso) com entidades públicas ou pertenciam já ao setor convencionalizado para realização de meios complementares de diagnóstico. Mas tinham poucos contratos no Base, de acordo com os dados recolhidos pela

“A PANDEMIA FOI IMPORTANTE PARA QUALQUER LABORATÓRIO”. MAS TAMBÉM SE INVESTIU MUITO, DIZ JOSÉ CHAVES

Prevenção

Para evitar infeções nos transportes, o Synlab deu alojamento aos técnicos junto ao laboratório em Lisboa. “Estiveram dois meses sem verem as famílias”, diz Laura Brum

▼ Laura Brum, do Synlab, “o maior prestador de serviço a laboratórios hospitalares”, de privados às PPP de Loures e Cascais



JOÃO CORTESÃO

SÁBADO. Da Synlab encontram-se apenas três, no valor de 60 mil euros. A Unilabs tem seis, no total de 132 mil euros. E Germano de Sousa, outros oito (cerca de 270 mil euros).

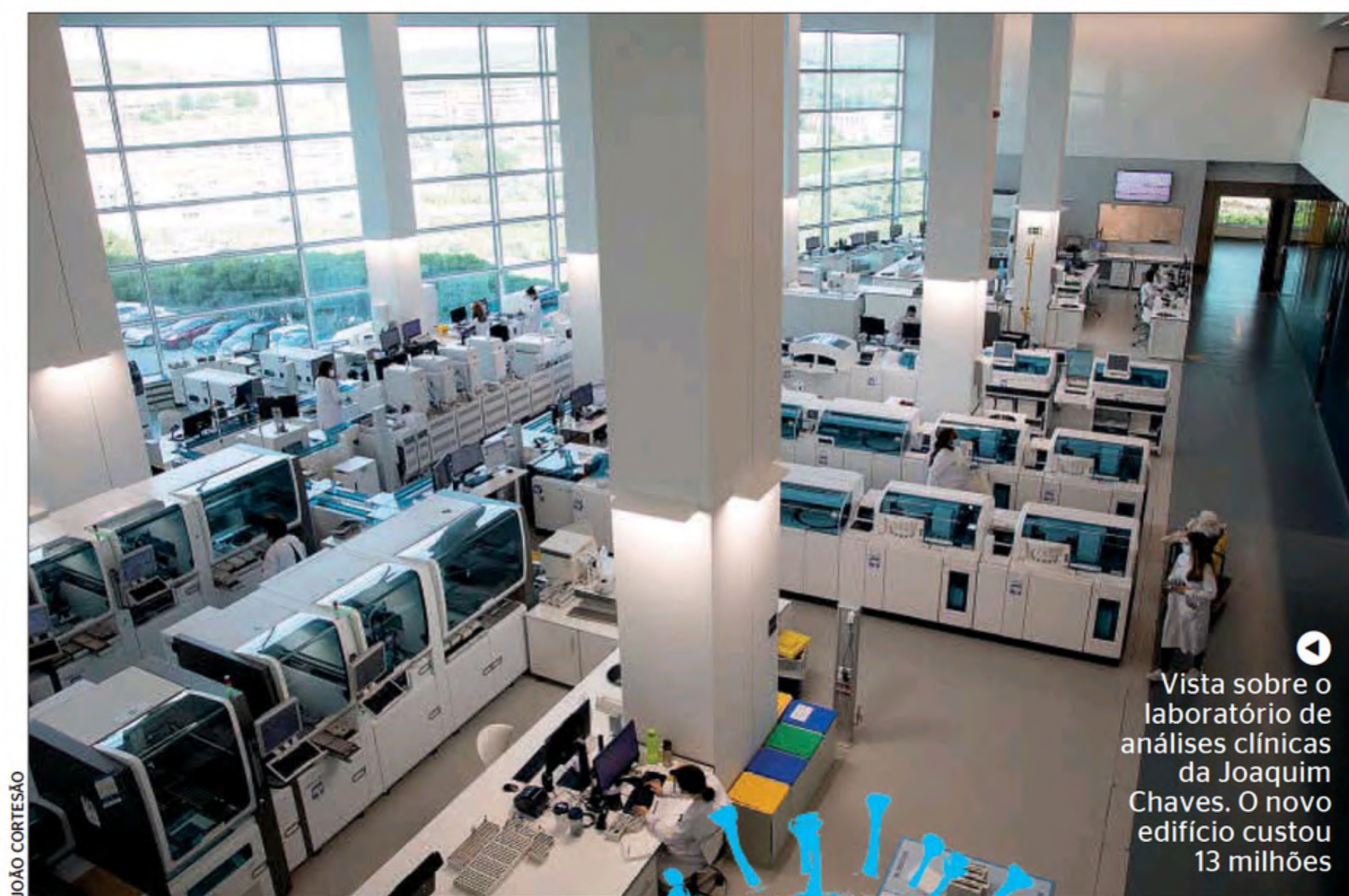
A exceção é a Joaquim Chaves Saúde, talvez o grupo mais forte em meios complementares de diagnóstico (a Germano de Sousa e a Synlab não oferecem estes serviços) e tinha 1,77 milhões de euros em 65 contratos no Base antes da pandemia. Assinou outros 34 (1,87 milhões) desde março de 2020. As áreas mais fortes na relação com o Serviço Nacional de Saúde são as áreas laboratoriais e a radioncologia. “Mas também prestamos serviços em Imagiologia ou em Medicina Nuclear”, enuncia José Chaves, há mais de uma década responsável por uma empresa que define como “familiar, claramente”.

Lucraram com a pandemia? “O volume de negócios cresceu bastante com a pandemia, à volta de quase 50%”, acrescenta Germano de Sousa. Mas “o Estado representa apenas 40 e picos por cento” do total, garante o veterano médico. Na Unilabs, na Joaquim Chaves e na Synlab estimam que o Estado representará um pouco mais.

“Não vamos falar do assunto com tabus, a pandemia foi importante do ponto de vista de venda para qualquer laboratório que se tenha dedicado a responder”, diz José Chaves. Mas houve áreas no negócio (como as consultas de Estomatologia ou as cirurgias) que estiveram fechadas pelo que o lucro esperado aí desapareceu. E a pandemia “fez-nos investir muito também”. Neste grupo, houve nos últimos anos um investimento de mais de 50 milhões de euros. Só o novo edifício-sede, onde existem soluções de robótica de ponta para a realização de análises clínicas, testes de Biologia Molecular e Anatomia

Patológica ou de Genómica –, custou 13 milhões de euros. Está no topo de uma colina de Carnaxide e José Chaves circula pelos corredores com a **SÁBADO** cumprimentando os técnicos. “Foi meu colega de curso”, diz, acenando para dentro de um laboratório.

“Como estão os filhos?”, per- **Q**



JOÃO CORTESÃO

Vista sobre o laboratório de análises clínicas da Joaquim Chaves. O novo edifício custou 13 milhões

gunta a outra técnica na área da Anatomia Patológica.

Durante muitos anos, também Joaquim Chaves – um farmacêutico de profissão, caçador, colecionador de selos e de automóveis, discretíssimo na exposição pública – soube o nome de todos os funcionários. Hoje são mais de 2 mil (contrataram mais de 100 devido às necessidades geradas pela pandemia). Mas o filho continua a escrever-lhes à mão postais nos aniversários. A pilha está em cima da pequena mesa redonda de reuniões no seu gabinete, no 3º piso. Para muitos é “o Zé”, que começou ali como analista, que fez Farmácia e a especialização em Análises Clínicas. Mas que assumiu a liderança

Contratos de Lisboa

Acordo com a Unilabs está por publicar por causa do RGPD

A testagem em Lisboa, sobretudo durante as festas de dezembro, foi realizada em 13 pontos da Unilabs. Os contratos não estão ainda publicados no Base porque estão a ser expurgados de dados pessoais, disse a autarquia à **SÁBADO**. Mas revelou que fechou um contrato de **630 mil euros** e “está em curso” outro de mais 650 mil euros.



quando concluiu a pós-graduação em Gestão. José foi o único a seguir os pais na área da Saúde (a mãe, Natália, era médica; Joaquim, hoje com 93 anos, é farmacêutico). Os três irmãos (Leonor, Jorge e Francisco) estudaram Gestão. A empresa, que mantém o nome do pai e fundador, foi criada em 1959. Tinha um pequeno gabinete de recolha em Mafra, onde trabalhavam apenas com outra funcionária (hoje têm oito laboratórios, além de 400 postos de colheita – mais clínicas e até um *health center*). “Ele também fazia as colheitas de sangue”, conta José Chaves, que

JOAQUIM CHAVES VIA-JAVA PARA CONHECER OS MELHORES LABORATÓRIOS E TRAZER TÉCNICAS INOVADORAS

Os laboratórios Germano de Sousa estão abertos 24 horas por dia. Conseguem fazer 15 mil testes diários



SÉRGIO LEMOS

atribui o crescimento da empresa à vontade de inovar dos pais. O lema familiar, que ainda hoje usa é: “Nunca dizemos que não fazemos. Não fazíamos, vamos procurar.” Foi Joaquim Chaves que trouxe para o País, por exemplo, o primeiro autoanalisador de células na área de Hematologia (1968), ou que decidiu criar um laboratório de Genética (1995). Quando surgia um desafio, ele e a mulher preparavam uma viagem a um laboratório no estrangeiro para perceberem como se fazia e que aparelhos deviam comprar. José, antes de definir as novas instalações, visitou inúmeros laboratórios. Está-lhe no ADN.

Do dilema fez-se um império

No início deste século, Germano de Sousa tinha um dilema. Era bastonário da Ordem dos Médicos (reconhecido aliás pela influência que então a classe tinha na maçonaria, a que pertence – ainda no fim de 2021 foi anunciado como mandatário da candidatura de Fernando Cabecinha ao GOL) quando lhe chegou uma proposta de uma *private equity* internacional para adquirir os seus laboratórios. Criara o primeiro em 1975, meia dúzia de anos depois de, na guerra, ter sido responsável pelo laboratório do Luso (Angola). A experiência marcou-lhe o futuro. Teve um primeiro colega como sócio, foi crescendo – em paralelo com a carreira hospitalar, universitária e as amizades, como Marcelo Rebelo de Sousa, de quem é próximo. E ali por 2003 poderia ter vendido o negócio. A empresa que queria comprá-lo já estava noutros laboratórios no Norte. “Eles têm tanto dinheiro que vão abafar-nos a todos”, pensou. “Quem é que luta contra o dinheiro?” Perguntou aos filhos o que queriam fazer. Ambos são médicos patologistas e administradores do grupo. Maria José é atualmente também professora na Nova e presidente à Sociedade Portuguesa de Patologia Clínica. José é diretor técnico coordenador do centro laboratorial e, em meados de 2021, o seu casamento surgiu nas revistas cor de rosa: a noiva, hoje mulher, foi a antiga modelo Bárbara Elias. Decidiram associar-se. “Os três juntos apertámos o cinto e impusemo-nos.”